



Sabino • fernando

O menino no espelho

O que você quer ser quando crescer?

Manual do Professor

BS
BestSeller



Elaboração do manual:

Cristiane Madanêlo

Mestre em Literatura Brasileira e professora de
pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil
e Ensino de Língua Portuguesa.

Título	O menino no espelho
Páginas	144
Autor (a)	Fernando Sabino
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	2
Tema (s)	Sociedade, política e cidadania
Gênero Literário	Romance
Interdisciplinaridade	Sociologia, Educação Artística, Educação Física e Ciências

Romance é uma forma narrativa constituída pelos elementos estruturadores: espaço, tempo, enredo, personagens e o narrador. Estes elementos nem sempre se encontram identificáveis explicitamente no texto.



CONVERSA COM O PROFESSOR

Quem nunca imaginou as vantagens de ter poderes para realizar tudo o que desejar? E a possibilidade de ficar invisível? O protagonista de *O menino no espelho* não só imaginou, mas viveu essa experiência e inúmeras aventuras ao longo do romance que você tem em mãos.

O livro de Fernando Sabino mistura ficção com fatos reais da vida do escritor mineiro e nos convida a conhecer o cotidiano de um garoto aventureiro e contador de lorotas. A narrativa está recheada de brincadeiras de criança, com as categorias de tempo e narrador, numa trama fluida e com períodos e capítulos curtos. Assim, os jovens leitores poderão viajar no tempo e no espaço e encontrar Fernando Sabino revivendo intensamente suas fantasias infantis como se fossem realidade.





QUEM CRIOU A HISTÓRIA

FERNANDO TAVARES SABINO (1923-2004), ou simplesmente Fernando Sabino, é mineiro de Belo Horizonte e nasceu no dia 12 de outubro de 1923. As fantasias que criava na infância valeram a ele muitas broncas dos pais, mas também o desejo de inventar mais histórias.

Formado em Direito, trabalhou como escrivão da Vara de Órfãos e Sucessões e foi adido cultural em Londres, o que lhe possibilitou viajar muito e conhecer diversos países e pessoas. Gostava de contar que foi escoteiro, quando criança, nadador campeão sul-americano, quando jovem, e baterista de jazz por toda a vida. Além disso, atuou profissionalmente como professor, jornalista, advogado, dono de cartório, editor e cineasta. Essa múltipla formação e as vivências serviram de suporte para que pudesse explorar em suas obras temas diversos, sempre com fluência e especial zelo com os aspectos linguísticos — curiosamente, um de seus sonhos era ser gramático.





No entanto, nenhum desses ofícios o afastaram da vida de escritor, iniciada aos 13 anos, quando escreveu seu primeiro texto literário. Aos 18 anos, Fernando Sabino publicou seu primeiro livro, *Os grilos não cantam mais*, e enviou um exemplar para Mário de Andrade, que, após a leitura, escreveu uma carta e deu início a uma troca de correspondências entre os escritores. Em várias oportunidades de entrevistas Sabino ressaltou a importância desse acontecimento para sua atuação como escritor e sua consciência como um artista de seu tempo.

No mundo das letras, foi exímio cronista e escreveu romances, uma autobiografia, peças de teatro e um roteiro cinematográfico. Com a fundação da Bem-te-Vi Filmes, empreendeu na “sétima arte” e lançou dez curtas-metragens sobre escritores brasileiros, levando a literatura para o mundo do cinema. Reconhecido em vida por sua contribuição literária, recebeu, em 1999, o prêmio máximo da literatura brasileira pelo conjunto da obra: Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Entre seus livros mais conhecidos estão *O encontro marcado* (1956), *O homem nu* (1960), *O grande mentecapto* (1979) e *A faca de dois gumes* (1985). *O menino no espelho* (1982) foi sua estreia na tentativa de escrever para crianças. Mais tarde, escreveu também *A vitória na infância* (1984), *Macacos me mordam* (1984) e *O pintor que pintou o sete* (1986), conjunto de obras dedicadas aos leitores mais jovens.

Após dois anos enfrentando um câncer, o escritor faleceu no Rio de Janeiro, um dia antes de completar 81 anos. A pedido





dele, foi colocado em seu epitáfio: “Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino.”

Vamos conhecer um pouco mais sobre esse eterno menino?





MERGULHO NO LIVRO

QUANDO SE FALA em Fernando Sabino, logo vêm à mente os livros *O encontro marcado* e *O grande mentecapto*, importantes romances urbanos modernos, além de suas numerosas crônicas. A obra em que mergulharemos é um romance para o público jovem (mas que será lido com o mesmo encantamento por adultos) e retrata algumas fantasias e peripécias do autor quando criança. Portanto, um romance de forte viés memorialista, no qual se misturam aventuras reais com a imaginação do autor — ou com algumas lorotas, como Fernando Sabino gostava de dizer.

Numa espécie de fusão entre personagem e escritor, o protagonista do livro é o menino Fernando, que vive as brincadeiras e fantasias de uma infância bem vivida. Ter um clube secreto com os amigos, querer desvendar o mistério de uma casa abandonada, brigar na escola, viver o primeiro amor, pregar peças na empregada e na professora, e desobedecer às regras para dormir fora de casa são alguns dos aconteci-





mentos que aproximam essa história da infância de todos nós. A verossimilhança é a essência da narrativa, com uma construção que mantém a coerência mesmo para um leitor adulto, uma vez que as partes mais insólitas são contadas e vividas por uma criança.

Assim como Monteiro Lobato propôs nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, as fronteiras entre o maravilhoso e a realidade são rompidas e o leitor é inserido nesse contexto fantasioso. Por exemplo, sem entender nada, Alzira, o irmão Toninho e Dona Odete (a mãe) têm suas rotinas alteradas pelos “milagres” do pequeno Fernando (capítulo “O canivete vermelho”). Essa associação ocorre também no âmbito dos acontecimentos narrados, já que o menino vai para o Sítio do Picapau Amarelo, além de interagir com Mandrake, Tarzan e outros personagens, e com a personificação de seu reflexo do espelho (Odnanref, que é o nome Fernando escrito ao contrário).

Ao longo da trama, são dimensionados alguns espaços, como a casa da família, a vizinhança, a escola. Sem grandes detalhismos descritivos, o mais importante desses espaços é o quintal, com um terreno muito grande, várias árvores e animais, cabana para brincar, bambuzal, sem dúvida, elementos que alimentam o imaginário de qualquer contador de histórias. Também fazem parte do universo do menino o quarto dividido com o irmão, a escola, o cinema e a casa abandonada da vizinhança, locais em que contextualizam aventuras e desventuras típicas na vida de uma criança.

Com um vocabulário bastante acessível ao público jovem e fluidez narrativa, o texto está dividido em capítulos





relativamente curtos e que se subdividem em seções. Desse modo, em pequenas etapas, os leitores percorrem facilmente as 144 páginas do livro. O tom mais confessional que a narrativa em primeira pessoa assume deve-se, também, ao uso do discurso indireto livre, em que pensamentos e juízos de valor do protagonista diluem-se na trama do enredo. Em muitos finais de seções e capítulos, a voz narradora cria um suspense, instigando a curiosidade do leitor para o que virá em seguida.

Sem propósitos didatizantes, não há uma idealização da infância como perfeita e sem problemas, o que garante mais veracidade ao narrador. Nesse percurso do menino Fernando, há dificuldades, erros, arrependimentos e atitudes que não são consideradas “politicamente corretas”, como as estratégias para não ir à escola e a hostilização de colegas e da professora chata. São situações que podem ser trabalhadas em sala de aula com uma mediação cuidadosa, uma discussão que pode despertar grande interesse, uma vez que fazem parte do universo das crianças.

As façanhas do menino Fernando, de 9 anos, são contadas em dez capítulos, relativamente autônomos, que podem até ser lidos separadamente e, em alguns casos, fora da ordem. Essa característica dos capítulos, entretanto, não significa falta de linearidade narrativa. Quem acompanhar a sequência da obra perceberá a sucessão cronológica, ainda que sejam poucas as marcas temporais no texto. A esse respeito, convém destacar que a autonomia entre os capítulos auxilia na dinâmica do trabalho com o livro em classe, dada a distribuição da grade de aulas.





Funcionando não somente como abertura e fechamento da trama, o prólogo e o epílogo são cruciais para a construção da obra e desse jogo entre ficção e realidade. Logo no início, acompanhamos um misterioso encontro entre um homem desconhecido, mas familiar, e o pequeno Fernando, que está no quintal brincando. No final do livro, a ordem dos substantivos (“menino” e “homem”) que nomeiam o prólogo e o epílogo é invertida, como se o homem encontrasse o menino que um dia já foi. Embora não esteja explícito que o homem que visitou o pequeno Fernando era ele mesmo mais velho, essa é a leitura mais óbvia. Justamente no prólogo existe uma chave de leitura importante para entrar nesse jogo proposto por Sabino. Como o primeiro período do capítulo contém o adjunto adverbial “no meu tempo de menino” (p. 11), nota-se que o narrador já é adulto e usa a técnica do *flashback* para (re)visitar suas memórias, sem perder aquele olhar inaugural sobre o mundo, típico da infância.

Já o epílogo inicia-se com a oração “Paro de escrever” (p. 135), que interrompe o fluxo daquelas lembranças de infância. As pancadas no relógio, assim como as doze badaladas da história da Cinderela, vão paulatinamente desfazendo a magia. Aos poucos, retorna-se daquela viagem ao tempo das vivências de menino. Em meio às badaladas (que parecem mais demoradas que o normal), retorna o mistério que intriga o escritor-personagem, homem-menino, até então: “quem era aquele desconhecido que um dia, depois da chuva, foi conversar comigo no fundo do quintal?” (p. 135). Diante desse questionamento que ninguém consegue solucionar, nem a bicharada que testemunhou tudo, fecham-se o ciclo e a viagem





no tempo, numa espécie de encontro marcado entre homem e menino, autor e narrador.

Esse encontro metafórico entre Fernando-homem (50 e poucos anos) e Fernando-menino (9 anos) une esses dois extremos da vida. Como que por encanto, ao soar a quinta badalada, o cenário não é mais o quintal mineiro, mas o apartamento de Ipanema e... FIM. Essa pluralidade de vozes e as pistas deixadas ao longo da narrativa permitem discussões acerca dos limites entre realidade e ficção. Reforçando ainda mais essa dubiedade, o narrador no epílogo destaca: “Já contei várias proezas, aventuras, peripécias, tropelias (e algumas lorotas) do tempo em que eu era menino” (p. 135). Então, continua o mistério: será que Fernando é mesmo um grande fingidor, como nos diz seu homônimo português Fernando Pessoa?

Diante da riqueza de *O menino no espelho*, o aluno poderá explorar toda a potencialidade de um texto literário rico e de qualidade, principalmente se for instigado e contar com um bom mediador. Então, vamos colocar isso em prática?





PRÉ-LEITURA

- 1) Como se trata de um romance com fortes traços autobiográficos, a leitura será mais proveitosa se o aluno conhecer, previamente, um pouco da vida de Fernando Sabino, sobretudo sua infância. A partir dessas informações e com boa mediação, o leitor perceberá melhor o jogo entre ficção e realidade proposto pelo escritor, em que autor e narrador se (con)fundem.
- 2) Explorar os elementos paratextuais integra o processo de sedução para a leitura.
 - a) A contracapa permite degustar uma passagem do capítulo 7 em que o protagonista encontra Odnanref (seu eu-outro), com forte relação com o título do livro. Pode-se, a partir desse aperitivo, perguntar aos estudantes o que acham que pode acontecer com esse eu duplo do protagonista.
 - b) O texto da primeira orelha do livro faz referência a outros seis personagens de histórias infantis da



literatura mundial, colocando Fernando como sendo o sétimo personagem a figurar nessa galeria de protagonistas célebres. São eles: Tom Sawyer, Mogli, Alice, Gulliver, Pinóquio e o Pequeno Príncipe. Aproveitando esse gancho, o professor pode dividir a turma em 6 grupos, a fim de empreenderem uma pesquisa sobre cada personagem, em que obra foram imortalizados e por qual escritor foram criados. Outra possibilidade é listar também personagens crianças da literatura brasileira, como Pedrinho e Narizinho, de Monteiro Lobato, o Menino Maluquinho, de Ziraldo, os cinco integrantes do grupo Os Karas, de Pedro Bandeira, Estefânia, de Paula Pimenta, entre outros.

O resultado dessas atividades pode gerar interesse em futuras leituras.

- c) Explorar a simbologia do espelho, seu jogo entre eu e o outro. Para tanto, recomenda-se a leitura da simbologia desse objeto num dicionário de símbolos e sobre o país do espelho no *Dicionário de lugares imaginários*. É possível, também, mostrar como esse objeto é amplamente utilizado em mitos e narrativas, como a história de Narciso e os contos “O espelho” de Machado de Assis e Guimarães Rosa.
- 3) Na capa, há a seguinte pergunta: “O que você quer ser quando crescer?”. Propor aos estudantes que, individualmente, registrem por escrito sua resposta e justifiquem os motivos dessa escolha. Pode ser interessante também propor uma conversa dos alunos com seus familiares,



para registrarem quais eram seus desejos quando ainda crianças e se conseguiram realizá-los na fase adulta.

- 4) Para uma geração que, muitas vezes, só sabe brincar e se divertir a partir de objetos eletrônicos, é importante resgatar experiências de brincadeiras de quintal, como as que Fernando vivenciava. Uma possibilidade seria propor, em parceria com o professor de Educação Física, uma semana de recreio com brincadeiras coletivas de integração com o ambiente externo e sem celulares ou jogos eletrônicos. Os responsáveis podem ser entrevistados quanto ao tipo de brincadeiras que faziam em sua infância.
- 5) Depois dessa vivência ou em um momento de resgate de outras experiências do brincar, podem ser discutidas as mudanças nos hábitos de infância em função das mudanças sociais.

Para dar melhor suporte nessa mediação com os estudantes, recomenda-se a leitura do capítulo “Brincando na história”, de Raquel Zumbano Altman.





PÓS-LEITURA

PROFESSOR, neste espaço, encontram-se propostas de atividades que podem ser usadas na escola, ampliando, dessa forma, ainda mais a relação dos estudantes com a literatura e com os conhecimentos linguísticos.

1. Criar um inventário de brincadeiras a partir da obra, explicando como são as regras e o funcionamento de cada uma. Pode-se ampliar essa atividade por meio de uma pesquisa junto a familiares a respeito das brincadeiras que eles faziam antes da era digital. O mesmo pode ser feito com os personagens e super-heróis, como Tarzan, Mandrake, Popeye e personagens do Sítio do Picapau Amarelo.
2. Pedir que os estudantes respondam se concordam ou não com o conselho que o homem mais velho dá a Fernando na cena do prólogo para que ele seja um menino feliz para o resto da vida: “Pense nos outros.”





Promover um debate sobre empatia e como ela está cada vez menos presente nas ações cotidianas.

3. Fernando e Mariana, junto com um coelho e um cachorro, integram a sociedade secreta Olho de gato. Propor aos alunos que imaginem uma sociedade secreta que eles integrariam e que intervenções fariam no espaço escolar. É importante que se definam regras de funcionamento e se crie um nome para essa sociedade.
4. Rerler o evento da investigação na casa abandonada (p. 53) e identificar que elementos textuais ajudam a construir o clima de mistério. Atuam nesse processo a ambiência noturna, o horário de meia-noite, a pouca luminosidade, as sombras projetadas pela pouca luz etc. Pode-se solicitar que os estudantes criem descrições de ambientes assustadores e misteriosos, explorando esses elementos de caracterização.
5. Exibir o curta “Galinha ao molho pardo” (pouco menos de 10 minutos), dirigido por Feliciano Coelho, adaptação cinematográfica do capítulo 1 do livro. Pedir para que os estudantes observem os seguintes aspectos de construção cênica: trilha sonora, voz narradora em contraponto à voz do personagem Fernando, planos de câmera com altura mais baixa para reproduzir visão infantil, participação dos animais, cenas de insetos.

A partir da análise coletiva dessas escolhas, problematizar a adaptação de livros para cinema, sobretudo no que diz respeito às adequações necessárias para a linguagem cinematográfica. Um ponto bastante produtivo para





- explorar é a opção de haver uma voz narrativa adulta e o personagem criança vivenciando as aventuras.
6. A partir das discussões empreendidas na atividade anterior, definir um acontecimento e/ou um capítulo para ser roteirizado e adaptado para vídeo. O registro pode ser feito com câmera, caso a escola disponha de equipamento, ou até mesmo a partir de um telefone celular. O resultado pode ser exibido numa sessão de apresentações para familiares e comunidade escolar.
 7. Rerler o evento de como Fernando se perdeu no acampamento de escotismo e identificar as passagens do texto que dizem respeito aos princípios do escotismo. Pode ser interessante conhecer um pouco mais sobre essa atividade, sua história e princípios norteadores. Incrementaria ainda mais essa investigação se algum escoteiro pudesse conversar com a turma e falar de elementos presentes na narrativa: orientação solar (e com bússola), sinalização de salvamento, princípios básicos de sobrevivência, o que é ser lobinho, uso de nós e laços, dentre outros.
 8. Os fatos narrados trazem não apenas brincadeiras de outra época, mas também outras características, como a moeda (“três mil-réis”), os “aeroplanos”, o funcionamento das “máquinas fotográficas”, entre outras. Listar essas referências e propor uma espécie de viagem no tempo em que alguma pessoa mais velha possa falar sobre objetos antigos, como eram usados e a importância que tinham antigamente.
 9. Rerler o início do capítulo 4 (p. 53) e identificar passagens do texto entre parênteses. Com base nesse levantamento



to, analisar a que se referem tais informações. Vale ressaltar que aquilo que está entre parênteses representa o pensamento ou comentário do narrador, configurado numa estrutura de discurso indireto livre, e explicar a vitalidade desse recurso para as narrativas em primeira pessoa.

10. Escolher, individualmente, a aventura mais radical e que mais chamou a atenção durante a leitura do livro. Com base nessa escolha, solicitar que sejam apresentadas oralmente as justificativas. Pode-se, também, solicitar o registro escrito, para o estudante recontá-lo com suas palavras e até mesmo ilustrá-lo.

A lista dessas aventuras deve levar em conta algumas convergências e preferências. Dentre as mais frequentes, promover uma eleição para escolher aquela que mais agradou à turma inteira. Nesse processo, pode-se estabelecer debate com defesa de propostas e fazer uma eleição com cédulas e urna de votação.

11. Exibir o trailer oficial do filme *O menino no espelho* (aproximadamente 2 minutos), uma adaptação cinematográfica da obra. Solicitar que os estudantes identifiquem as aventuras retratadas nas cenas, os personagens e locais retratados. Pedir que avaliem se há correspondência ou não com o que eles imaginaram ao ler a obra. Esse pode ser um momento para gerar interesse em conhecer o filme na íntegra.
12. Assistir, se possível, ao filme baseado na obra e levantar, coletivamente, as diferenças. Com base nelas, promover uma discussão sobre adaptações cinematográficas de



livros, como aconteceu com a saga *Harry Potter e Senhor dos Anéis*. Será uma oportuna ocasião para falar que a adaptação cinematográfica de um livro é uma leitura possível do potencial que o escritor construiu na narrativa, não devendo substituir a leitura da obra em si.

13. Com a ajuda do professor de Educação Artística, criar uma maquete da casa de Fernando, considerando a área externa, que é extremamente importante para o enredo.
14. Os animais são importantes personagens para a construção narrativa, muitas vezes companheiros de aventuras do protagonista. Criar uma lista desses personagens com suas características. Também podem ser listados os animais de estimação dos próprios estudantes, que poderiam apresentá-los aos demais colegas de classe. Um bom momento para observar o uso dos adjetivos nessas descrições.

Também é possível, em parceria com o professor de Ciências, estudar as características desses animais, seu habitat, se são domésticos ou estão em extinção etc.

15. A partir dos acontecimentos narrados no capítulo 7, e em parceria com o professor de outras disciplinas:
 - a) discutir a existência de bullying no espaço escolar. Vale partir das opiniões dos estudantes sobre a seguinte passagem: “Era essa a lei entre nós: ninguém entregava ninguém.”
 - b) sistematizar (e até mesmo criar) as leis e as regras do mundo dos espelhos. Relacionar esse mundo dos espelhos com a história de Lewis Carroll, *Alice através do espelho* (1871), citada na página 93. Pode-se





ler uma resenha sobre a obra, o próprio livro ou visitar a obra por meio da versão cinematográfica homônima.

16. Criar uma narrativa com o seguinte tema “Se você ficasse invisível, o que faria?” Ou “Se você fosse um super-herói, o que faria?”, inspirada nas experiências narradas no capítulo 2.
17. A fim de promover a circulação de livros e fomentar a leitura, cada estudante pode escrever uma carta para um futuro leitor, falando da obra e indicando-a. Os livros podem ser emprestados a estudantes da própria escola, desde que, ao final da leitura, respondam a carta para o dono do livro e relatem sua experiência com aquela leitura.



INTERDISCIPLINARIDADE

O *MENINO NO ESPELHO*, de Fernando Sabino, apresenta informações complementares que podem servir de base para um trabalho interdisciplinar. Isso porque apresenta aspectos relacionados às áreas de Linguagens, Educação Artística, Educação Física e Ciências. Dessa forma, a obra insere-se, perfeitamente, no tema “sociedade, política e cidadania”.

Considerando-se a potencialidade da obra para problematizar questões humanas e seus conflitos, várias disciplinas podem contribuir para a mediação dessas discussões e na percepção dos estudantes no cenário escolar. As disciplinas de Educação Artística e Educação Física podem auxiliar na (res)significação de cenários e brincadeiras, favorecendo a compreensão de um outro contexto e época, numa espécie de viagem no tempo. Além disso, a presença de diversos animais, ao longo da narrativa, e sua importância para o enredo em si garantem a ampliação do campo literário, com um mergulho possível para o professor de Ciências nesse universo tão dis-





tante, muitas vezes, de crianças e jovens de meios urbanos. Essa ampliação do espectro de informações irá valorizar a percepção do empreendimento de pesquisa do ficcionista para criar verossimilhança.

Conhecer um pouco mais sobre os aspectos gramaticais e os elementos básicos da construção narrativa, sem dúvida, poderá levar o professor de Língua Portuguesa a revelar outras camadas de leitura e ampliações típicas do literário. O diálogo com as adaptações cinematográficas é outra forma de enriquecimento, tão necessária na era da imagem e das discussões quanto as fronteiras entre real e virtual, público e privado.



PARA SABER MAIS...

Bibliografia

ALTMAN, Raquel Zumbano. “Brincando na história”. PRIORE, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. (p. 231-258)

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2000. (Verbetes “espelho”: p. 393-396)

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Editora Companhia Editora Nacional, 2006. (Verbetes 220 — Fernando Sabino: p. 264-265)

MANGUEL, Alberto et all. *Dicionário de lugares imaginários*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003. (Verbetes Espelho: p. 149-151)





RESENDE, Vânia Maria. “Fernando Sabino: *Menino no espe-
lho*” in *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora
Perspectiva,1988. (p. 67-69)

Webliografia

Programa Roda Viva com o escritor (22 de dezembro de 1989)
— Aproximadamente 1h30min. Acesso em junho de 2018.
<https://www.youtube.com/watch?v=-0YwkdS2igE>

